

Luana de Santana Ribeiro

luanacastorribeiro16@gmail.com

Graduanda em Administração de Empresas pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), Presidente da Sete Jr. (Empresa Júnior da FADBA) em 2017 onde desenvolveu habilidades na área de Vendas, gerenciamento de projetos, planejamento estratégico, prospecção de clientes, gestão de conflitos, marketing de pesquisa, comunicação e liderança desde 2014.

Lindiberto Nascimento Bezerra

lindiberto.nb@gmail.com

Graduando em Administração pela Faculdade Adventista da Bahia, atuou como estagiário no setor de Manutenção e Construção como auxiliar administrativo e atualmente no setor de Logística da Instituição. Recenseador pelo IBGE no ano de 2010 e repositor de estoque no ano de 2011, e vendedor autônomo de 2012 a 2014.

Francisco Alves de Queiroz

franciscoqueirozz@gmail.com

Doutorando em Desenvolvimento Regional e Urbanismo pela Universidade Salvador, Mestre em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia, possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2006); Pós graduado em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, pela Faculdade Adventista de Administração; É Professor de Ensino Superior e Pós-Graduação, tem Experiência em Gestão de Políticas Públicas, Análises Estatísticas, Educação a Distância e Avaliação de Desempenho. É Consultor de Políticas nas áreas de Saúde e Gestão Educacional.

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 – Capoeiruçu - CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

Caderno de Educação e Cultura 2017
Caderno Especial

ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO EM CACHOEIRA: O CASO DA FLICA - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE CACHOEIRA

RESUMO

O presente estudo busca alternativas criativas de organizações do trabalho e geração de renda para os empreendedores locais a partir das oportunidades geradas pelo fluxo de pessoas proporcionado pela Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA). É realizada uma discussão sobre o desenvolvimento econômico de Cachoeira - BA com foco na economia criativa e possíveis contribuições da FLICA e uma análise do segmento literário. É apresentado e analisado os aspectos macroeconômicos da cidade e, por fim, um diagnóstico quanto ao desenvolvimento local proporcionado pela Festa Literária. A análise foi realizada nos anos de 2014 e 2016. Foram aplicados questionários com os empreendedores locais, entrevistados os administradores sócios do evento e diversos expositores de estandes de livros. Destaca-se que durante esta festa a cidade torna-se um vetor de cultura, literatura, entretenimento e arte, mas há necessidade de envolver melhor os trabalhadores e os comércios locais e principalmente garantir um melhor aproveitamento das riquezas geradas pela FLICA.

Palavras-chave:

Desenvolvimento econômico. Economia Criativa. FLICA. Cachoeira.

1. INTRODUÇÃO

A temática abordada apresenta características referente ao desenvolvimento econômico da cidade de Cachoeira - BA durante o período em que acontece a FLICA - Festa Literária Internacional de Cachoeira com foco na economia criativa. A FLICA é um evento literário anual, que durante uma semana oferece entretenimento, cultura e arte de forma direta e indireta à comunidade local e visitantes,

RIBEIRO, Luana de Santana. BEZERRA, Lindiberto Nascimento. QUEIROZ, Francisco Alves de. **Economia criativa e desenvolvimento em Cachoeira: o caso da FLICA - Festa Literária Internacional de Cachoeira.** *Revista Formadores - Vivências e Estudos, Cachoeira - Bahia, v. 10, n. 5, p. 15 - 37, nov. 2017.*

onde se encontra artesanato, gastronomia e uma gama de produtos produzidos na região possibilitando um fortalecimento da economia atraindo pessoas de diversos locais e até outros países para Cachoeira.

Este estudo responde questionamentos sobre qual o tipo de desenvolvimento acontece neste período na região, quais os benefícios que a FLICA proporciona para a cidade de Cachoeira, e quais os impactos causados aos empreendimentos locais. Estes questionamentos foram discutidos buscando a relação da FLICA com os grupos de economia criativa da cidade. Quem realmente ganha dinheiro com FLICA? Quem a Financia? Qual a sua potencialidade? É necessário desvendar os reais interesses que há por trás deste evento.

A economia criativa proporciona a inovação tendo uma diversidade de produtos e serviços gerados para o desenvolvimento da economia local, beneficiando assim um ciclo econômico na região, gerando oportunidade ao empreendedorismo.

Para conceituar e compreender o processo da economia Criativa utilizou conceitos pontuais dos autores Victoriano e Reis e para entender a relação com o desenvolvimento econômico é apresentado perspectivas de diversos autores, sendo os principais Souza e Vasconcellos, os quais abrangem características do desenvolvimento no âmbito macroeconômico.

A economia se divide em duas grandes áreas micro e macroeconomia, outros termos que ultimamente estão sendo utilizados, como criativa, solidária, verde, são termos que visam a sustentabilidade e alternativas ao modelo de concentração de renda e segregado do processo capitalista de geração de riqueza. A criativa principalmente, busca a geração de renda através de aproveitamento de recursos disponíveis na localidade e em desenvolver habilidades dos trabalhadores em relação a sua cultura, folclore e recursos naturais.

Há um certo modismo em denotar o termo criativo e sustentável a enumeras atividades em eventos promovidos por diversas entidades na cidade de Cachoeira. Assim, a pesquisa busca desvendar até que ponto a FLICA contribui para o desenvolvimento econômico da cidade de Cachoeira com viés na economia criativa, apresentando o ciclo econômico que é gerado durante o período do evento e o que a cidade e a população ganham ou deixam de ganhar. Para tais questionamentos foram utilizadas uma dialética investigativa, observando três edições do evento, 2014, 2015 e 2016. As observações foram registradas com fotografias, áudios e aplicação de instrumentos de natureza quantitativa e qualitativos, questionários aos donos de stands de livros expostos na FLICA e entrevistas com empreendedores locais e com os sócios da empresa proprietária que explora a FLICA. Os dados tratados vassam a análise de conteúdo, observando a fala dos agentes e comparando com suas práticas e com a concepção que a comunidade tem do evento, proporcionando assim um entendimento mais amplo da realidade, as definições teóricas de economia criativa, desenvolvimento econômico, sendo trabalhadas através de uma análise conceitual, comparando a opinião de diversos autores contemporâneos e a proximidade destes conceitos com a realidade manifestada no evento, e por fim, produzido um levantamento de dados numéricos quanto ao faturamento e ao comportamento de oferta dos empresários Cachoeiranos.

Para fins de justificativa na elaboração do presente estudo, tomamos como conceito

principal o entendimento entre a concepção da economia criativa e seu posicionamento no desenvolvimento local, em forma de contribuição para a economia da cidade de Cachoeira através da FLICA, evento que possui uma abrangência internacional atraindo uma gama de diversidade e explorando as riquezas de Cachoeira durante um curto período de tempo. O que se tem como compreensão de uma festa literária que abarca além da literatura, a arte, cultura, entretenimento e gastronomia, envolvendo o cenário Cachoeirano em seu atrativo cultural, revelando toda a riqueza histórica encontrada na cidade.

Para Caracterização do assunto tem se como objetivo discutir os efeitos econômicos gerados pelo evento na cidade de Cachoeira-BA durante a realização da FLICA. O estudo visa identificar a intensidade desse impacto para a economia local através dos indicadores econômicos como: emprego e distribuição de renda, para compreender o que a economia local e a cidade com toda sua história e riqueza cultural ganha de fato ao receber um evento como este.

Este presente estudo está dividido nos seguintes capítulos: Um introdutório, o capítulo dois trata da temática economia criativa e o desenvolvimento econômico contemplando sua história, conceitos e setores criativos, o segmento literário e as características da FLICA. O terceiro aborda aspectos macroeconômicos da cidade de Cachoeira, e por fim é apresentado alguns dados da pesquisa sobre as influências para os empreendedores e para a cidade de Cachoeira-BA.

2. A ECONOMIA CRIATIVA E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Esse capítulo aborda a economia criativa no seu contexto histórico, conceitual e setores criativos em sequência é apresentada a possível relação entre a economia criativa e o desenvolvimento econômico, até chegarmos no ponto principal que é o seguimento literário apresentando o caso da FLICA.

2.1. Economia Criativa: História, Conceito E Setores Criativos

Grande parte das referências que originaram o conceito de economia criativa foram feitas a partir do Projeto Creative Nation, que foi desenvolvido em 1994 na Austrália, apesar de alguns autores como Charles Landry relatarem a ocorrência de algumas conferências internacionais importantes – como a de Melbourne, cidade que acabou recebendo o título de “cidade criativa” em 1988, sendo assim foi registrado pelo prefácio de Cidades Criativas Perspectivas (2011)

(PAVANELLI,2011-2012).

Em 1997 o tema ressurge na Inglaterra, já com o governo de Tony Blair, isso aconteceu em resposta da intensificação da competição, fundamentada numa análise das contas internas e das tendências de mercado, debatendo de frente às vantagens comparativas da nação no contexto econômico global (FONSECA REIS, 2008).

A Austrália e a Inglaterra foram os primeiros países a se articularem dentro da economia criativa. Esses países criaram políticas públicas para estimular o que chamaram de indústrias criativas – um grupo de 14 setores que tem na criação seu principal pilar, incluindo produção de arte, publicidade, arquitetura, moda, turismo cultural e desenvolvimento de software (PAVANELLI, 2011-2012, p.8).

Há pouco tempo, a economia criativa passou a ser oficialmente discutida no Brasil pela formação da secretaria da economia criativa (integrante do MinC), que foi inaugurada no início de 2011 pelo governo Dilma e infelizmente extinta em maio de 2016 pelo governo Temer, mesmo representando 8% do PIB nacional com milhares de trabalhadores, esta extinção provocará dificuldades de acesso a incentivos da Lei Roaunet e retrocesso ao desenvolvimento do setor criativo no Brasil. Em paralelo, há representantes do mercado financeiro interessados em contribuir com a evolução do conceito de economia criativa, mas temos de desconfiar muito deste interesse, pois os exemplos dos grandes grupos econômicos privados é muito mais de se aproveitarem de benefícios fiscais, o que pode ser discutido em uma continuação deste estudo.

O fato é que o mercado de empreendedorismo passou por algumas transformações nas últimas décadas, a vinte anos era comum empreender por necessidade, devido a uma menor oferta de emprego as pessoas procuraram vias alternativas, muitas vezes informal de produção para garantirem a sobrevivência. Victoriano (2012) destaca que hoje, as oportunidades são cada vez maiores e a economia criativa representa aproximadamente 7% do PIB global, surge um novo olhar sobre este tipo de empreendedorismo, pois, a tendência é que esse setor de economia seja cada vez mais explorado e difundido no país. Assim urge à necessidade de reflexões por parte de governos, da sociedade e de empreendedores na construção de políticas e ações dando mais atenção à novas profissões e a economia colaborativa-criativa.

A economia criativa não possui um conceito bem definido sobre o que de fato ela é, sendo então um conjunto de fatores que nos leva a entender que a economia criativa é sobremaneira ampla, podendo ser trabalhada a partir de distintas abordagens.

David (2008) aponta que o estudo sobre a Economia Criativa não deve se limitar apenas à análise das indústrias criativas, mas também “ao impacto de seus bens e serviços em outros setores e processos da economia e as conexões que se estabelecem entre eles” (apud Reis, 2008, p. 25 e Gorgulhoet alli, 2008, p. 303).

Fica claro que, dentro de tal enquadramento, a amplitude do conceito aumenta sobremaneira. Não se trata de considerar o setor criativo simplesmente como mais uma dentre diversas atividades econômicas de um dado país ou região, mas sim de interpretá-lo como um verdadeiro “catalisador (...) de processos, relações e dinâmicas econômicas de setores diversos” (REIS, 2008, p. 25). O aumento de escopo do conceito de Economia Criativa torna as análises no setor mais

ricas e versáteis.

No relatório FIRJAN (2014) nas últimas décadas, tem-se consolidado nas empresas o fator criatividade como importante insumo de produção, assim como seu papel transformador no sistema produtivo. Além dos demais recursos como capital, mão de obra e matéria-prima, os gestores estratégicos têm tomado como essencial o uso das ideias para geração de valor ao cliente, adquirindo assim grande importância como vantagem competitiva. Num mercado com tantos competidores e produtos tão semelhantes a criatividade passa a ser um ativo de peso dentro da lógica de agregação de valor, pois aqueles que conseguem inovar e se reinventar continuamente são os que obtêm sucesso a longo prazo.

Com o objetivo de destacar, além do seu papel fundamental de cultura, o vasto potencial de geração de empregos e riqueza, foi que na década de 1990 o Departamento de Cultura, Mídia e Esporte (DCMS) do Reino Unido criou o conceito de indústrias criativas, sendo classificadas assim todas as atividades “que têm sua origem na criatividade, na perícia e no talento individual e que possuem um potencial para criação de riqueza e empregos através da geração e da exploração de propriedade intelectual” (DCMS, 1998).

O estudo que deu origem ao conceito acima descrito mapeou não só as empresas essencialmente criativas, mas toda a cadeia criativa, ou seja, todos os envolvidos no processo tanto de criação, como na produção e distribuição dos bens e serviços que tem como insumo primário o capital intelectual. Essa cadeia é formada por três grandes áreas: Núcleo Criativo que é o centro de toda a Cadeia Produtiva da Indústria Criativa, formado por atividades econômicas que têm as ideias como insumo principal para geração de valor; as Atividades Relacionadas que provêm diretamente bens e serviços ao núcleo, são representadas por, em sua maioria, indústrias e empresas de serviços fornecedoras de materiais e elementos fundamentais para o funcionamento deste; e o Apoio que são aqueles que indiretamente ofertam produtos e serviços ao núcleo.

A economia criativa é composta por seus setores criativos que são assim chamados aqueles que possuem em suas atividades a criatividade e o conhecimento, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social (MINC, 2012).

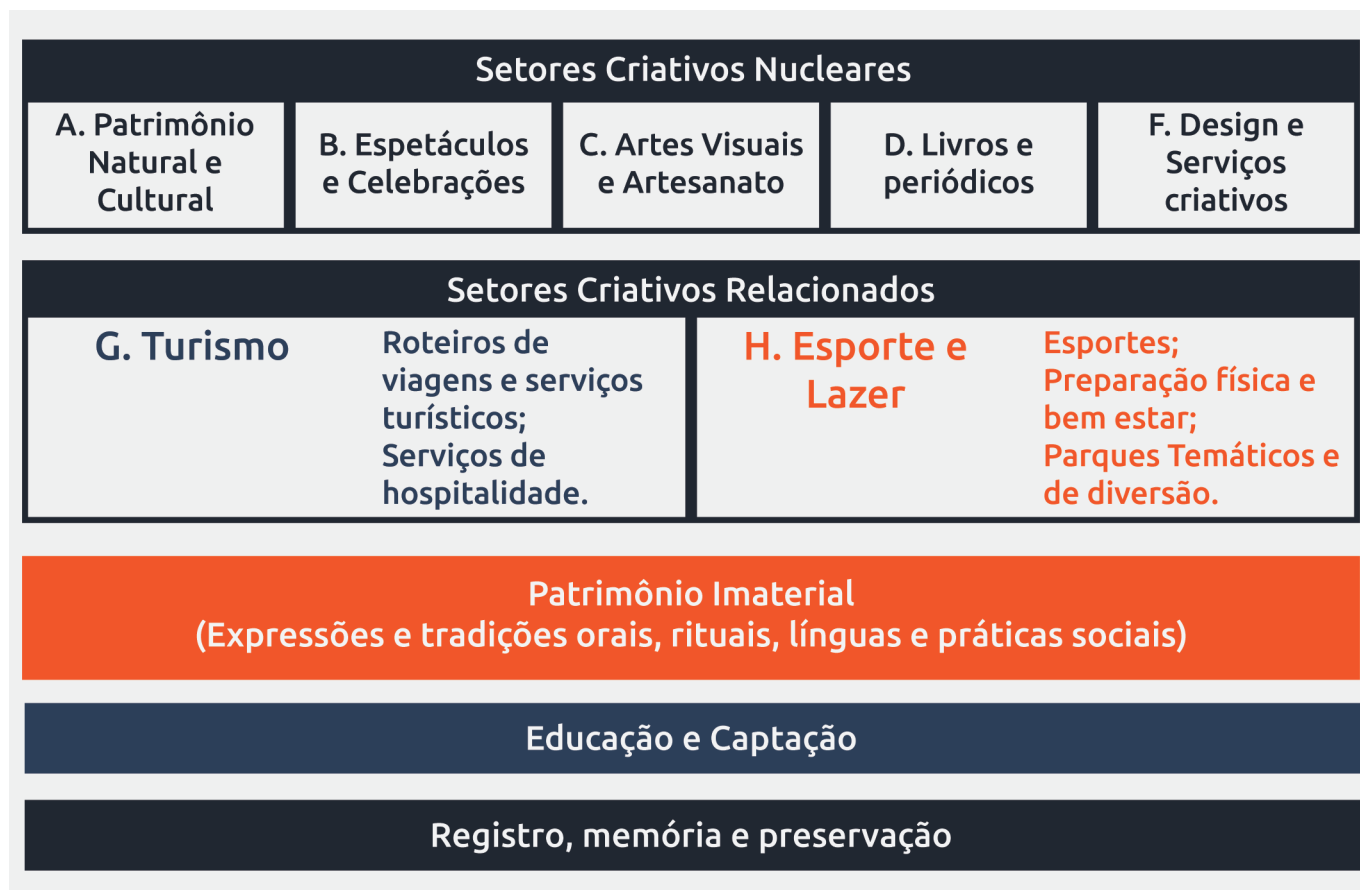


Figura 1 – Setores Criativos Nucleares
 Fonte: MINC, 2012.

Na figura 1 estão representados, segundo a UNESCO, os setores Criativos Nucleares, onde se concentra a criatividade tendo em vista a produtividade em relação a riqueza cultural e econômica. Já em relação aos setores criativos relacionados, não são essencialmente criativos, mas são diretamente impactados em relação aos serviços de turismo, esportes e lazer. No setor de Patrimônio Imaterial que é passado por gerações, em sociedades e comunidades, em suas interações, em práticas sociais e culturais com o meio ambiente e sua história os demais setores apresentados na figura são setores de apoio aos setores Criativos Nucleares e ao Patrimônio Imaterial (MINC, 2012).

Setores Criativos Nucleares Macro categorias	Atividades Associadas
A. Patrimônio natural e Cultural	<ul style="list-style-type: none"> Museus; Sítios históricos e arqueológicos; Paisagens culturais; Patrimônio natural.
B. Espetáculos e celebrações	<ul style="list-style-type: none"> Artes de espetáculo; Festas e festivais; Feiras.
C. Artes visuais e artesanato	<ul style="list-style-type: none"> Pintura; Escultura; Fotografia; Artesanato.
D. Livros e periódicos	<ul style="list-style-type: none"> Livro; Jornais e revistas; outros materiais impressos; Bibliotecas (incluindo as virtuais); Feiras do livro.
E. Audiovisual e mídias interativas	<ul style="list-style-type: none"> Cinema e vídeo; Tv e rádio (incluindo internet); Internet podcasting; Videogames (incluindo online)

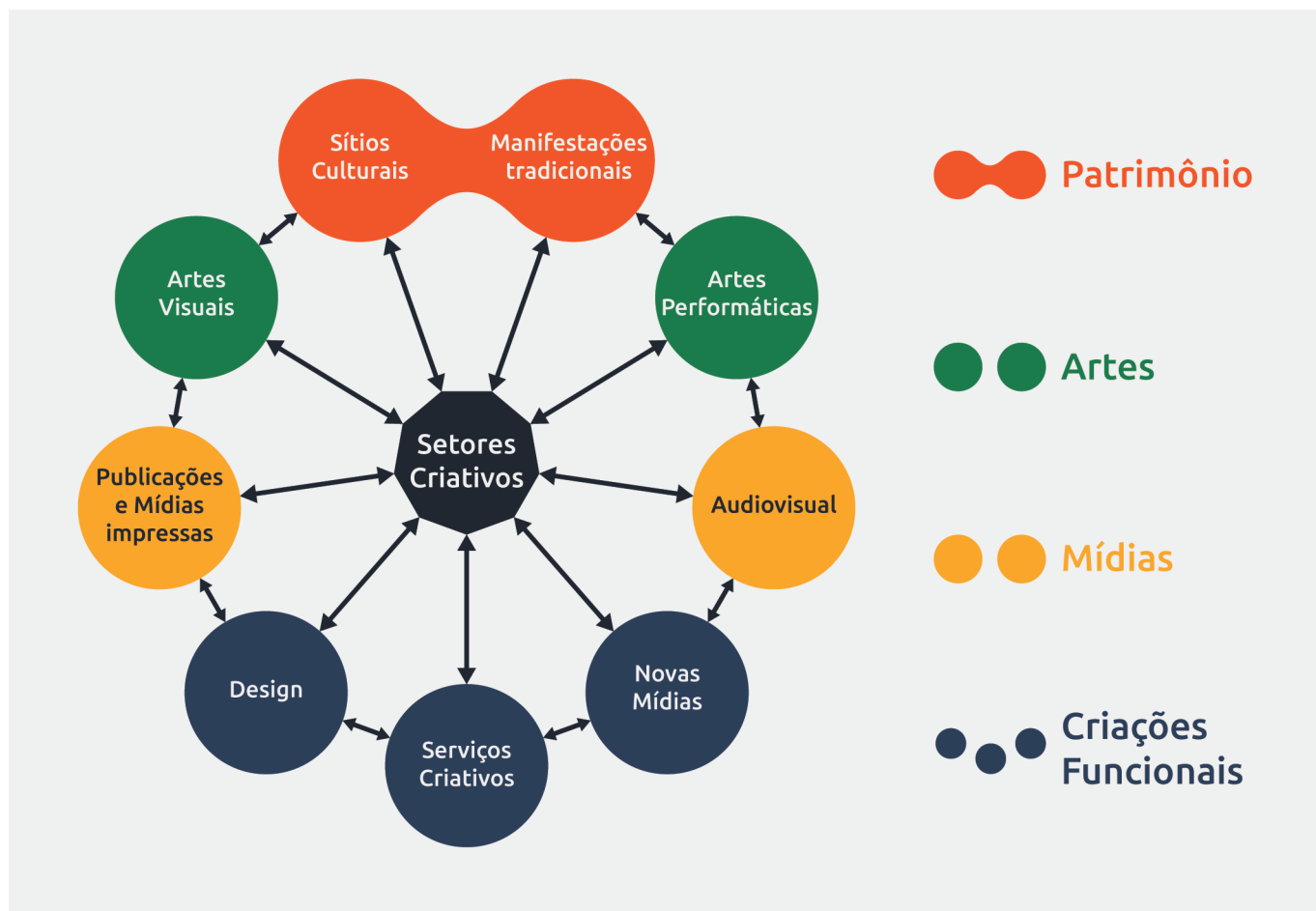


Figura 2 – Classificações dos Setores Criativos

Fonte: UNCTAD, 2008.

São apresentados os segmentos dos setores criativos e utilizada como base de comparação em relação às estatísticas e crescimento no âmbito nacional e internacional em relação às expressões culturais. E a classificação dos setores criativos foi criada pela UNCTAD, que produziu o primeiro e segundo relatório sobre a economia criativa onde foram destacadas nove áreas separadas em quatro setores como mostra a figura 2. (MINC, 2012)

Diante das tentativas de conceitos e aplicações do que vem a ser economia criativa e percebendo toda a dificuldade teórica de definição, este estudo adota pela simplicidade e objetividade as concepções de David e Reis em que a Economia Criativa se refere ao impacto de seus bens e serviços em outros setores e processos da economia e as conexões que ela estabelece com diversas atividades econômicas de uma região, um catalisador de relações e dinâmicas econômicas, e completamos isto com a capacidade de aproveitamento de recursos (materiais e saberes) alternativos e habilidades dos trabalhadores locais.

2.2. Possíveis Relações Entre Economia Criativa e o Desenvolvimento Econômico

O interesse dessa temática é abordar a questão no âmbito do desenvolvimento regional sustentável

e suas possíveis relações com a economia criativa. Assim, a discussão de conceitos individuais e amplos sobre as práticas harmonizará uma visão mais detalhada dos pontos abordados e a compreensão de possíveis relações.

Sobre desenvolvimento sustentável tem-se um conceito bastante amplo, resultado do crescimento econômico acompanhado de melhoria na qualidade de vida da sociedade, deve incluir “as alterações da composição do produto e a alocação de recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, alimentação, educação e moradia)” (VASCONCELLOS E GARCIA, 1998, p. 205).

Definir um marco para pensar o desenvolvimento econômico é muito impreciso, poderíamos a nível de América Latina pensar sobre as concepções Cepalinas de Prebisch e Celso Furtado, dos pensamentos dos baianos Rômulo Almeida e Milton Santos sobre os diversos modelos e práticas para o desenvolvimento de países de economia tardia, periféricos ou em desenvolvimento no século XX.

A partir da Segunda Guerra Mundial, o termo desenvolvimento apesar das divergências existentes entre as concepções de declarações e conferências que sucederam nesse período ganha um contorno mais delineado, crescer economicamente, melhorar a qualidade de vida das pessoas e preservar os recursos naturais para as gerações futuras. O documento mais importante dessa época, no que tange as questões de desenvolvimento, é a carta das Nações Unidas, divulgada, em abril de 1945, na Conferência de São Francisco, nesse mesmo ano, a criação oficial da Organização das Nações Unidas (ONU), composta inicialmente por 51 países, cuja finalidade primava pela manutenção e melhoramento dos níveis de desenvolvimento em todos os sentidos do termo (BATISTA, 2002).

Existem controvérsias entre os conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento que ainda não foi bem definida, como diz Scatolin (1989, pag.6);

Poucos são os outros conceitos nas ciências sociais que se têm prestado a tanta controvérsia. Conceitos como progresso, crescimento, industrialização, transformação, modernização têm sido usados frequentemente como sinônimo de desenvolvimento. Em verdade eles carregam dentro de si toda uma compreensão específica dos fenômenos e constituem verdadeiros diagnósticos de realidade, pois o conceito prejulga indicando em que se deverá atuar para alcançar o desenvolvimento.

Os economistas visam a necessidade de criar um modelo de desenvolvimento que englobe os constatáveis econômico e social. Furtado (1961) critica veementemente o prisma econômico que restringe desenvolvimento apenas a melhorar a qualidade de bens e serviços por acordos de tempo de um determinado grupo, considerava desenvolvimento econômico como crescimento econômico com acompanhamento de melhorias do nível de vida e dependente das características específicas de cada país ou região.

O desenvolvimento econômico invoca um ritmo de crescimento econômico contínuo e superior ao desenvolvimento da população, fazendo com que tenham mudanças estruturais e melhorias

nos indicadores de qualidade de vida. É desta forma que o desenvolvimento passa a ser entendido como um consequente processo de crescimento. Desse jeito o crescimento é a chave para as soluções dos problemas humanos e para o desenvolvimento (SOUZA, 2010).

Em 1970 foi a data em que surgiu o termo “sustentabilidade”, e no final deste mesmo ano em meio as reuniões e comissões das Organização das Nações Unidas (ONU) o termo “Desenvolvimento Sustentável” foi posto em prática. O relatório de Brundtland foi extremamente importante para que este termo ganhasse força e visibilidade (VEIGA, 2010).

Diz Seiffert (2007, p.26), que o relatório de Brundtland foi:

Produto da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que abordou o desenvolvimento sustentável como aquele que utiliza os recursos naturais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas necessidades.

Foi com o surgimento do tema desenvolvimento sustentável, que se tornou possível aprofundar pensamento e discussões, a respeito de possíveis criações de outros desenvolvimentos aliados a pratica de conservação do meio ambiente, assim, foi inevitável a criação de outros desenvolvimentos, como o desenvolvimento social, desenvolvimento econômico, desenvolvimento cultural e desenvolvimento geográfico (SEIFFERT, 2007).

O desenvolvimento social segue a ideia de um desenvolvimento sustentado por uma sociedade, a fim de que se tenha um equilíbrio na distribuição de renda, tornando-se cada vez mais uma sociedade igualitária, superando as diferenças entre os padrões de vida (SEIFFERT, 2007).

Segundo o pensamento de Seiffert (2007, p.30), a respeito de desenvolvimento econômico diz, “somente será alcançado por uma alocação e gestão mais eficiente dos recursos e por um fluxo regular do investimento público e privado”, sendo assim, nos permite dizer, tem de haver uma forma moldada de reconhecimento dos recursos naturais.

Desenvolvimento cultural visa não só a valorização do meio ambiente, junto a este aspecto, visa à questão da valorização em preservar a cultura local, fazendo com que não se tenha uma descaracterização de um modelo cultural existente durante muitos anos pela história (SEIFFERT, 2007).

Para Junqueira (2000) e Buarque (2005), o desenvolvimento local ou regional torna-se sustentável quando são levados em conta alguns aspectos como a mobilização e exploração das potencialidades sociais e contribuindo para a viabilidade e competitividade da economia regional, tendo como premissa a conservação dos recursos naturais locais (CORRÊA, 2011).

Buarque (2006), em citação menciona que o desenvolvimento regional sustentável pressupõe a qualidade de vida da população, a eficiência da economia e uma gestão pública que seja eficiente. O autor cita três pilares que norteiam o desenvolvimento regional: a governança, a organização da sociedade e a distribuição de ativos sociais. Para além o mesmo, corroborando por Junqueira

(2000), menciona que

[...] o desenvolvimento regional sustentável é o processo de mudança social e elevação das oportunidades da sociedade, compatibilizado no tempo e espaço, o crescimento e a eficiência econômica, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social, partindo de um claro compromisso social futuro e a solidariedade entre gerações [...] (BUARQUE, 2006, p.67)

O desenvolvimento regional sustentável agrega valores que envolvem parâmetros e pressupostos que contribuem para o desenvolvimento sustentável de determinada região. Para (SACHS, 2004) o pressuposto cultural é importante para análise regional, pois busca das raízes dos modelos de modernização e dos sistemas rurais integrados de produção que facilitem a geração de soluções específicas para cada ecossistema e cultura local. Envolve-se por tanto, um relacionamento muito grande a respeito da cultura local, geralmente muito afetada pelas opções tecnológicas adotadas. Desse modo, evita-se a descaracterizações de um padrão cultural moldado durante anos pela história da comunidade, pois tal fato em geral induzirá sua desagregação e um processo de emigração. A introdução de valores ambientais através de um processo educacional efetivo molda o caráter de indivíduos ambientalmente sensibilizados, formando cidadãos completos (SACHS, 2004).

Fomentar a possibilidade de Desenvolvimento Regional Sustentável atrelado a economia criativa é de grande valia. Partindo do conceito de desenvolvimento regional sustentável – promover a reconciliação das atividades econômicas com a necessidade de proteger o planeta e assegurar um futuro sustentável para todos os povos – podendo assim classificar a economia criativa como um meio alternativo e próspero para esta proteção e prosperidade econômica da região (MORAES, 2011).

Mediante a definição de desenvolvimento regional sustentável, pode-se compreender e pensar algo novo a partir da economia criativa, indo muito mais além do termo criatividade. A conexão de desenvolvimento regional sustentável e economia criativa resultam na consolidação, na inclusão e melhorias nas condições de vida da população em geral, ou seja, promove um desenvolvimento socioeconômico-cultural de um município, região, estado e conseqüentemente de um país, que até então não havia se pensado e muito menos planejado essa (s) nova (s) possibilidade (s) de sustentabilidade socioeconômica (PLANO DA SECRETARIA DA ECONOMIA CRIATIVA. Políticas, diretrizes e ações. 2011 a 2014).

A ética da sustentabilidade é a solidariedade com as gerações futuras, pois elas apoiadas num tripé onde precisam estar em perfeito equilíbrio com a economia, o social e o ambiental. Preservar o meio ambiente para que as gerações futuras tenham o que temos hoje (BURZTYN. 2001). Deste modo a economia criativa tem um respeitável papel quando coloca o ser humano na condição promotor direto do desenvolvimento, baseados na criatividade, talento e habilidade individual incorporados na propriedade intelectual e envolvem as cadeias produtivas das indústrias culturais e suas imbricações (BEZERRA; CHACONE).

Economia criativa é um tema que abarca um vasto conjunto de atividades inseridas em quatro grandes áreas criativas: Consumo, Cultura, Mídias e Tecnologia, sendo um dos setores mais

enérgicos e abarcantes da economia global. Por possuírem características semelhantes entre seus segmentos, esta associação facilita tanto a leitura do comportamento das áreas e de seus segmentos ao longo dos anos, como também a identificação das habilidades das regiões e estados brasileiros (FIRJAN. Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil).

É de extrema importância sinalizar que vários são os setores reflexos dessa nova dimensionalidade que a população ganha com os investimentos industriais, comerciais trazendo uma forte expansão de valorização e exploração no turismo, construção civil, educação e a criação de faculdades, públicas e particulares. Que por meio desta expansão sociocultural o desenvolvimento de uma região se torna autossustentável, com a disseminação da cultura regional ganha-se olhares, antes desatentos (BOURDIEU, 2009).

Quaisquer que sejam as antinomias que se apresentem entre as visões da história que emergem em uma sociedade, o processo de mudança social que chamamos desenvolvimento adquire certa nitidez quando o relacionamos com a ideia de criatividade. (FURTADO, 2008).

Atualmente existe um vasto mercado em que as ideias geniais valem dinheiro. Segundo dados das Nações Unidas, 8% do PIB mundial é gerado por negócios em torno de música, literatura, design, moda, desenvolvimento de softwares, artesanato. Esse patrimônio cultural é chamado de intangível, mas os ganhos obtidos por meio dele são bem concretos (ORAGGIO, 2016).

Apostar neste modelo de desenvolvimento não é algo futurista ou eloquente, uma vez que se tem mostrado resultados otimistas e crescentes em torno da economia criativa, atrelado e por trás do termo o fator desenvolvimento regional sustentável se torna sinônimo (FIRJAN. 2015).

Por fim, se torna de extrema importância realçar e reafirmar que a temática economia criativa está inteiramente interlaçada ao desenvolvimento regional sustentável, visto como as mudanças econômicas e em especial as novas tecnologias alteram as conexões entre a cultura (das artes ao entretenimento) e a economia, abrindo um leque de oportunidades econômicas baseadas em empreendimentos criativos (ITAÚ CULTURAL, 2014).

2.3. Segmento Literário: A Flica

O seguimento literário está situado dentro da economia criativa em aspectos do macro- categoria de livros e periódicos que tem como atividades associados livros, jornais, revistas e outros materiais impressos com classificação na categoria de mídias por meio de publicações, mídias impressas, tendo localização em bibliotecas e feiras literárias.

Apesar de ser um País com média de leitura de dois livros por pessoa ao ano (de acordo com a última pesquisa “Retratos da literatura no Brasil” de 2012, do instituto Pró-livro), o Brasil tem

apresentado um crescimento anual significativo no ramo literário através de Feiras, Salões, Festivais, Bienais e outros eventos literários em todo o território nacional. De acordo com o ministério da cultura o número de eventos do tipo passou de 257 em 2013 para pelo menos 320 em 2014.

Esses eventos têm crescido de tal forma que o público tem aumentado de maneira a rivalizar com bloco de carnavais. Autores avaliam que a importância dessas feiras não se resume a o fato de que o livro tem Público no País, mais serve também para retomar o debate sobre literatura por meio de interações entre leitores, autores, editores e pessoas ligadas à área e da possível retomada do interesse pela leitura.

Desde o ano de 2006 o BNDES já dedicou mais de 1,2 bilhões para financiar boa parte do mercado editorial. Parte considerável dessa quantia foi destinada a feiras e eventos literários, que juntamente com o sucesso de Feiras como a Feira internacional de Paraty atualmente na 13ª edição tem sido o motivo dessa proliferação de feiras literárias. O sucesso dessa feira (Paraty) tem sido tão grande que mesmo o nome da feira tem sido adaptado em outros eventos como a Fliparanapiacaba, em Santo André, São Paulo, ou a Flimar em Marechal Deodoro, Alagoas, cada um com seu atrativo particular. A Feira Literária Internacional de Cachoeira acontece dentro de um convento por exemplo.

Obviamente nem tudo são flores com esses eventos, pois há muitos mal organizados e com o objetivo único de apenas arrecadar recursos governamentais. Mas a grande força desses eventos é a capacidade de interagir as diversas culturas existentes tanto nacionais com internacionais através de músicas, teatros, histórias e pela aproximação do livro com o potencial leitor, desta forma vai se quebrando as barreiras contra a leitura, que deixa de ser vista como uma tarefa chata e escolar para passar a ser vista como realmente é: o aprendizado mais divertido possível.

O governo tem um grande desafio que é combater a concentração desses eventos no eixo Rio-São Paulo e Sul e fazer com que esses eventos sejam mais presentes no Norte Nordeste, ou seja promover uma descentralização, para que dessa forma o livro chegue mais perto do leitor em todo o território nacional.

No que tange o recorte estadual, a Bahia possui 29.234 profissionais vinculados a produção criativa, porém, somente 1.405 estão no segmento literário, aproximadamente 4,81%. A faixa salarial desta fatia baiana está entre 2.908 reais (FIRJAN, 2014).

Ainda que a Bahia seja um campo com regiões de características ricas em diversidade sócio-político-culturais, os dados são superficiais. Muitos empreendedores existem de forma desconhecida, atuando ainda de forma alternativa como as editoras de cordéis, quadrinhos e gráficas que funcionam como editoras. Segundo Cristina Pereira de Carvalho (coordenadora do sistema de informações e indicadores culturais) faltam estatísticas governamentais sobre indústrias criativas e reconhecer a importância de produções estatísticas nacionais é uma condicionante para o desenvolvimento do setor (OLIVEIRA, GALVÃO E SEIDEL, 2014).

O plano estadual do livro na Bahia atua no desenvolvimento da economia do livro com o objetivo de, além de incrementar e apoiar a rede produtiva do livro, fomentar a produção de indicadores

sobre a situação do livro e da leitura na Bahia. Mas para desenvolvê-las e criar linhas de apoio para financiamento de livros como consta no plano é necessário mapeamento e diagnóstico mais profundos (OLIVEIRA, GALVÃO E SEIDEL, 2014).

As bienais, feira e festas literárias são importantes espaços de circulação de livros, autores e editoras que acabam fomentando, apesar de forma efêmera, porém real, a cultura literária na Bahia. São exemplos de eventos na região a Bienal do Livro na Bahia (em Salvador), a Festa Literária de Cachoeira (FLICA, evento de porte internacional), Feira do Livro em Feira de Santana (em sua oitava edição), Feira Itinerante (organizada pela Editora da Universidade do Estado da Bahia) e a I Festa Literária Internacional da Chapada Diamantina (IBDEM).

A FLICA, como entidade empresarial, é formada pelas empresas: Cali Cachoeira Produção e In Content; realizou seu primeiro evento nos dias 11-16 de Outubro de 2011 na cidade de Cachoeira.

Cachoeira, uma das mais valiosas joias do patrimônio histórico brasileiro, com lindos casarões, igrejas riquíssimas e um belo ecossistema natural. Situada no Recôncavo Baiano, às margens do Rio Paraguaçu, a cidade teve seu apogeu econômico nos séculos XVIII e XIX, quando seu porto era utilizado para escoamento da produção de açúcar e fumo para a Europa. A capacidade que teve de centralizar em si, uma estrutura econômica, social e cultural do século XVI em diante, faz da pequena província um importante centro da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, na perspectiva de conservar o processo sócio histórico dos efeitos produzidos pela dialética entre o “velho e o novo”, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1970 lança as bases legais para a manutenção e preservação da princesinha do Recôncavo com seu tombamento em 1970 (ASCOM; IPHAN, 2009).

As margens do rio Paraguaçu, o município de Cachoeira foi construído tendo como aparato para seu desenvolvimento econômico: posição privilegiada para o incremento de um entreposto para a comercialização de mercadorias, tanto por rio quanto por terra; solos férteis para a produção de cana-de-açúcar, fumo e produtos de primeira necessidade e atualmente, ainda tem um potencial turístico, histórico e cultural muito forte com grande repercussão em nível nacional e internacional.

Atualmente a cidade de Cachoeira é palco de um dos eventos mais significativos do ramo literário, A Feira Literária Internacional de Cachoeira. Instituída a partir da iniciativa de seus sócios, a FLICA surgiu através de um sonho. A ideia surgiu na intenção de fazer uma feira literária em uma cidade histórica com potencial turístico, acolhedora, a fim de tornar ainda mais atrativa as belezas históricas da cidade, e como tinham contatos e uma abertura maior em Cachoeira, resolveram realizar o evento nessa cidade. A feira de livros é composta por setores criativos reprodução e produção de conhecimento, talento individual, aproveitamento de insumos primários de produção, com potencial de geração de riqueza cultural, econômica e social.

AFLICA-Festa literária Internacional de Cachoeira é um projeto cultural que traz autores e escritores locais, nacionais e internacionais com relevância independente do tema. Os autores e escritores internacionais normalmente são reconhecidos e trazidos de acordo com os temas propostos. Durante a festa faz-se debates com autores que tratam do assunto proposto e com pensamentos divergentes sobre os mesmos assuntos com a finalidade de fomentar o conhecimento e permitir ao público um pensamento mais crítico. E como não podia faltar, há uma segmentação para o

público infantil - Fliquinha. Além disso, a FLICA traz projetos culturais com shows e apresentações artísticas locais e nacionais, chamada Varanda Cultural.

FLICA é um evento cultural/editorial gratuito que divulga sua marca e atividades através de seu site (www.FLICA.com.br) e redes sociais, acontece em três pontos principais na cidade, na Praça Aclamação, a Fliquinha é no cinema e o outro ponto fica na Igreja do Carmo. Durante o evento, as empresas participantes vendem produtos.

Os sócios procuram abarcar no evento as manifestações culturais dos artistas e autores, os mais famosos locais fazendo a ligação entre os artistas regionais, nacionais e internacionais. Com o evento há um grande movimento na economia da cidade, trazendo consumidores para Cachoeira.

Assim, há a manutenção e divulgação da cultura local através do aumento da visibilidade da cidade, apresentação das atividades culturais existentes e giro na economia da cidade. Com o passar dos anos a FLICA tem se tornado um evento referência na cidade e abrangido um número crescente de pessoas participantes.

3. ASPECTOS MACROECONÔMICOS DE CACHOEIRA- BA

Este estudo discute o impacto da FLICA na economia de Cachoeira, na geração de emprego e renda, no desenvolvimento social e econômico, na qualidade de vida das pessoas, e como a produção/riqueza está sendo dividida com a população local. Esses pontos constituem indicadores macroeconômicos. Dentre esses grandes agregados, os que usaremos como parte desse estudo serão renda, preços, taxa de emprego e taxas de juros.

A Macroeconomia é o ramo da teoria econômica que trata da evolução da economia como um todo, analisando a determinação e comportamento dos grandes agregados, como renda e produto nacionais, investimento, poupança e consumo agregados, nível geral de preços, emprego e desemprego, estoque de moeda e taxas de juros, balanço de pagamentos e taxa de câmbio (VASCONCELLOS, 2010, p.187).

Podemos entender renda agregada, de acordo com Lopes e Vasconcellos (2000), como a “remuneração dos fatores de produção na economia. São salários, juros, lucros e aluguéis”.

Quanto ao nível geral de preços, analisaremos a inflação, que segundo Vasconcellos (2011), é “um aumento contínuo e generalizado do nível geral de preços. A inflação é um processo, e não altas esporádicas de preços”.

Para a taxa de juros, Hall e Taylor (1989) afirmam que “é o que os credores cobram por unidade monetária emprestada por ano, expressa como um percentual”.

Para contextualizar os conceitos expostos, segue alguns dados estatísticos macroeconômicos do IBGE, sobre a cidade de Cachoeira- BA:

População estimada 2015 ⁽¹⁾	34.535
População 2010	32.026
Área da unidade territorial (km ²)	395,223
Densidade demográfica (hab/km ²)	81,03
Código do Município	2904902

Tabela 1 – Dados Geográficos de Cachoeira

Fonte: CPTEC (2016)

Censo Demográfico 2010		
População residente	32.026	Pessoas
População residente urbana	16.387	Pessoas
População residente rural	15.639	Pessoas

Tabela 2 – Dados Demográficos 2010: População Urbana e Rural

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Salários e outras remunerações	54.692	Mil Reais
Salário médio mensal	1,7	Salários mínimos
Número de empresas atuantes	537	Unidades

Tabela 3 – Estatísticas do Cadastro Central de Empresas 2013

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2013.

Receitas orçamentárias realizadas	51.220
Receitas orçamentárias realizadas – Correntes	51.120
Receitas orçamentárias realizadas – Tributárias	3.201

Tabela 5 – Finanças Públicas 2014

Fonte: Brasil. Secretaria do Tesouro Nacional, In: IBGE.

PIB a preços correntes	265.347 mil reais
PIB per capita a preços correntes	8.222,73 reais

Tabela 6 – Produto Interno Bruto dos Municípios 2012

Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística.

Segundo as fontes do IBGE apresentados, representam o desenvolvimento macroeconômico de Cachoeira, no censo de 2010 e as estimativas para 2015, seguido dos dados demográficos sobre

a população urbana e rural, as estatísticas do cadastro central de Empresas em 2013, sobre as finanças públicas em 2014 e dados sobre o produto interno bruto dos municípios em 2012.

4. RESULTADOS ANALISADOS DA FLICA

O Objeto de estudo é entender o desenvolvimento da cidade de Cachoeira e perceber a contribuição da FLICA – Festa Literária Internacional de Cachoeira nesse processo, uma vez que o evento tem se tornado de grande porte se tratando de feira literária, a primeira impressão do evento é impactante devido a sua abrangência nas diversas atividades encontradas onde é apresentada uma nova Cachoeira em relação ao que os moradores estão acostumados a viver, a Cidade se apresenta em sua totalidade em beleza histórica, Cultura, arte, gastronomia, entretenimento e diversão, atraindo os turistas de diversas partes. Deste modo percebe-se que falta uma maior aproximação entre o evento e os empreendedores locais, em especial os trabalhadores informais que atuam no setor criativo. A cidade de Cachoeira é riquíssima se tratando de história e patrimônios culturais o que atrai ainda mais pessoas para o evento da Feira, e isso é muito bom para o evento, porém pouco beneficia a cidade e sua população como um todo, já que há pouca interação com a população e empreendedores locais, e ao fim do evento a cidade volta a sua rotina normal sem maiores legados de benefícios para o desenvolvimento da mesma.

Na pesquisa se obteve dados sobre o impacto causado pela FLICA aos empreendimentos de cachoeira sendo observados alguns indicadores econômicos. Abordando os setores hoteleiros, restaurantes, bares, mercados e farmácias, com o intuito de descobrir sobre o aumento de preços dos produtos, do estoque, das vendas, de onde são os fornecedores, a quantidade de empregos geradas durante o evento, as formas de contrato, o aumento na carga horária, os benefícios gerados para os funcionários, e a área de abrangência da geração de empregos.

Dentre os setores analisados estão os de hotéis, bares, restaurantes, supermercado e farmácia, sendo estes o que mais sofreram impacto, principalmente o setor Hoteleiro, que durante o período da FLICA ocupou 100% dos leitos e tiveram um aumento de aproximadamente 45% no preço de seus serviços devido à alta demanda, o que levou 75% dos hotéis a aumentar em média 125% seus estoques para atender a essa procura. Resultado de toda essa demanda durante o evento foi o aumento significativo de 120 % nas vendas. Essa movimentação econômica gerada pelo setor hoteleiro foi positiva para o crescimento econômico local, pois 75 % dos estoques vieram de fornecedores locais e também gerou de dois a quatro empregos temporários por hotel.

Outro setor que também sofreu impacto econômico positivo durante a FLICA foi o de restaurantes. Esse é um setor que tem uma grande demanda nessa época do ano, mas mesmo assim apenas 33% dos restaurantes optaram por aumentar os preços dos seus produtos. De todos os setores pesquisados esse foi o que apresentou o maior percentual de vendas durante o evento chegando a uma média de aproximadamente 127% em relação ao normal. Com esse aumento

significativo na demanda por seus produtos, os restaurantes sentiram a necessidade de aumentar seus estoques, e esse aumento foi de 97% no geral, e 100% dos fornecedores foram de cidades vizinhas. Dentre os entrevistados 50% tiveram que contratar mais pessoas durante o evento para atender a demanda, e em média foram gerados mais de 20 empregos temporários nesse setor, e este foi o que mais gerou empregos nesse período sendo 84% desses empregos foram para pessoas da cidade de cachoeira e 16% foi destinado a cidades vizinhas.

Nos bares apesar da grande procura por seus produtos os preços em sua maioria não sofreram grande alteração, já que 80% mantiveram seus preços normais. A procura por esses produtos durante a festividade gerou um aumento de mais de 100% nas vendas o que levou a um aumento de aproximadamente 105% de seus estoques, sendo que 80% desses estoques vieram de cidades vizinhas. Esse setor gerou cerca de 10 empregos temporários, sendo 80% da própria cidade e 20% de cidades vizinhas.

No setor de mercados o preço não sofreu alteração em nenhum deles, apenas manteve o preço costumeiro, apresentando um aumento de 30% nas vendas e menos de 50% aumentaram seus estoques. Dentre os que aumentaram seus estoques 80% buscaram fornecedores das cidades vizinhas e dentre os pesquisados apenas um mercado contratou 3 funcionários temporários sendo a maioria da cidade cede do evento.

Dentre todos os setores pesquisados o que menos sofreu impacto econômico durante o evento foi o setor farmacêutico. Os preços de seus produtos não foram alterados e teve o índice mais baixo de vendas em relação aos outros setores que foi de aproximadamente 15%. Devido à baixa demanda por seus produtos apenas 20% das farmácias aumentaram seus estoques em média 25% além do normal e em sua maioria de fornecedores de cidades vizinhas. Devido à demanda não alterar muito durante a FLICA os farmacêuticos não sentiram a necessidade de contratar mais funcionários nesse período.

Mesmo com a elevação dos preços por parte de alguns empreendimentos que acham uma oportunidade de movimentar o seu negócio, devido a cidade de Cachoeira ganhar uma maior visibilidade nesse período do ano, o aumento nas vendas foi significativo como mostra o gráfico a seguir:

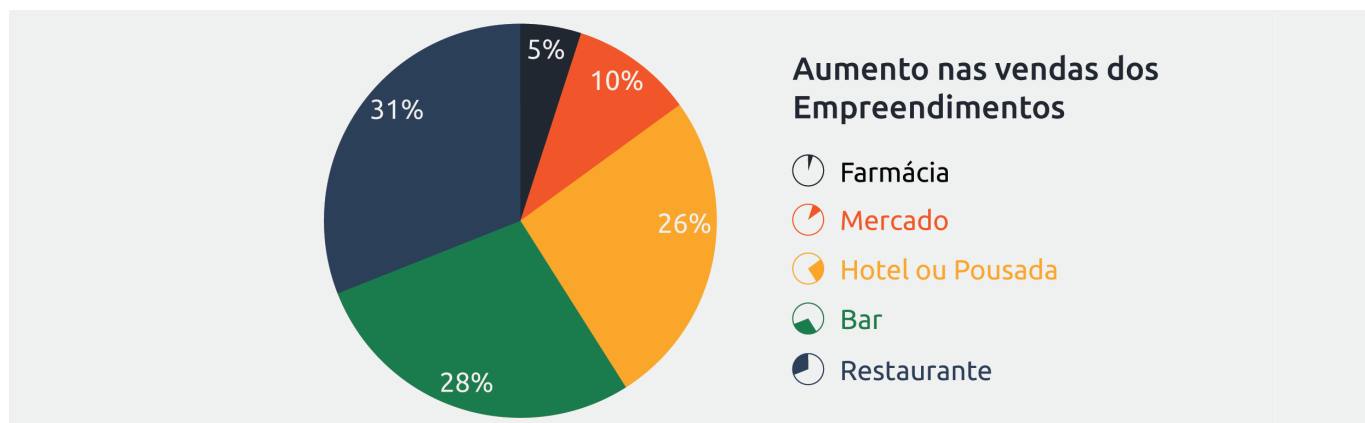


GRÁFICO 01 – Aumento nas vendas dos empreendimentos

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Com o aumento nas vendas, os estoques dos empreendimentos aumentou para atender a alta demanda esperada nessa época do ano, alcançando fornecedores principalmente das cidades vizinhas movimentando o desenvolvimento regional. Esse crescimento nas vendas apresenta apenas um momento passageiro durante apenas uma semana. Os Sócios-Responsáveis pela FLICA apresentam uma demanda de empregos de 200 a 300 pessoas o que varia a cada ano pois as proporções são sempre maiores, sendo essa geração de emprego de caráter formal e muitas vezes informal já que em sua maior parte são freelancers, e grande parte das vagas de emprego não é gerada para moradores da cidade. Para melhor entender sobre característica informal, abordamos um conceito apresentado por Queiroz onde;

A economia informal é um reflexo visível das transformações na economia mundial geradas pelo sistema produtivo capitalista. Ela assume diversas faces a depender de onde está inserida. O termo “informal” surgiu pela primeira vez, ligado a economia e relações de trabalho, numa pesquisa realizada pela organização Internacional do trabalho (OIT), no final dos anos 60, em países de desenvolvimento tardio. (QUEIROZ, 2012, p. 25)

Os resultados obtidos apresentam o benefício que foi gerado pela FLICA a alguns empreendedores locais, os quais tiveram um aumento significativo nos preços tendo em vista uma oportunidade de lucrar mais com o evento, o aumento das vendas nesse período se dá mais nos restaurantes, bares e hotéis que por sua vez tem um período fantástico tendo em vista que durante outros períodos do ano o fluxo de turistas na cidade é bem menor. A Cidade como um todo por sua vez não se beneficia tanto pois não se percebe uma mudança no desenrolar da economia, o trabalhador informal continua informal, não tendo um crescimento significativo na economia criativa.

A criatividade é percebida em todas as partes da FLICA, uso de recursos naturais para produzir utensílios, decorações, roupas, brincos, objetos de artes e quadros. Em entrevistas a diversos barraqueiros identificou-se a produção sendo exercida de forma solidaria. As barracas de economia solidaria até o ano passado ficava fora do circuito da FLICA o que foi uma queixa dos artesãos. Em 2016 felizmente abriram espaço ao lado da praça do canhão onde foram colocadas 30 barracas de economia solidaria, as barracas padronizadas foram cedidas por um projeto do governo Estado da Bahia, da secretaria de trabalho, emprego, renda e transporte chamado “vida melhor”, que faz parte do Centro Público de economia solidaria da Bahia, o qual é situado em Cachoeira.

A solidariedade ela se dá na produção quando eles produzem em conjunto aproveitam coletivamente compra e na produção de materiais. Na comercialização cada barraca atua individualmente, não há distribuição do lucro. O processo de solidariedade não completa o ciclo.

Em relação ao projeto “vida melhor” SETRI, abre espaço para exposição em diversos eventos do governo do estado, apoio técnico, linhas de créditos, treinamento e ainda há a possibilidade desde que articulados com a SESOL a qual possui mais de 300 cadastrados em salvador tendo uma loja no shopping e 27 cadastrados no recôncavo. Quando há algum evento como por ex: O da FENAGRI que acontece anualmente, onde os artesões cadastrados são comunicados, o qual é disponibilizado o espaço para exposição, caso não tenha um representante outro artesão apresenta o produto dos demais fazendo uma escala entre eles. Se for cooperativas o lucro é

dividido em partes iguais, se for grupo como cada um recebe o valor dos seus produtos vendidos. A FLICA recebe expositores de Salvador, Feira de Santana, Quilombola e outros, em relação as vendas referentes as barracas de economia solidaria em 2016 foram razoáveis, não chegou a alcançar as expectativas.

As barracas da economia solidária ficavam no jardim do palanque fora do circuito, em 2016 foi cedido espaço dentro do circuito do evento, e de acordo com os expositores melhorou muito, pois antes ficava muito recuado na edição de 2016 puderam ficar mais perto de onde o fluxo de pessoas é maior.

Em entrevista com expositores da UFBA, UNEB, UEFS na FLICA em 2016 descreveram sua participação no evento, desde a alocação do espaço a suas atividades durante o processo, de acordo com os representantes dos estandes, foi pago ao convento pela utilização do espaço e colocaram o nome de LDM, e as pequenas exposições alternativas se espalharam por espaços descentralizados alternativos de Cachoeira; Na LDM exposta em Cachoeira no convento, não existe uma política de vale e nem desconto, sendo um desconto de 10% para professor, mas na loja em Salvador.

As empresas privadas monopolizam os melhores espaços, vendem, não empregam pessoas locais, a literatura não é praticada na comunidade local. Em 2016 já mudou muita coisa, como por exemplo na mesa se viu os filhos da terra diferente de 2015 que era uma literatura europeia diferente do contexto da cidade, uma literatura estrangeira, elitizada e de origem branca.

O espaço de comercialização dos livros é pago pelas livrarias que expõem, A FLICA mudou muito no aspecto de autores e temas, mas em termos de livros para agregar não. Entre os entrevistados foi apontado a falta de integração entre os espaços de exposição da literatura, em parte a grande concentração ficou com uma livraria privada que a impressão que se tem é vem, vende, pega o lucro e leva. As outras exposições são da UFBA e algumas exposições alternativas e baianas ficam arrumando “cantinhos” para poderem participar e fazer a exposição. Sendo citados exemplos de algumas Feiras literárias que proporcionam um incentivo maior a leitura através de desconto para professores e alunos de escola pública, política apontada pelos entrevistados que não se percebe um incentivo pelo governo do estado e nem pelas empresas participantes um estímulo para incentivar a leitura e o comercio literário.

Os Expositores apresentaram alguns pontos que acreditam ser importantes para melhorar dentro do evento para os próximos anos; Tendo como fundamental a integração com as editoras, com os autores individuais, o pessoal do cordel, da própria cidade, isso tem que ser explorado, reforça um dos expositores, pois se tem autores maravilhosos locais que não participam, se temos livros da UFRB daqui que não são expostos, as livrarias de fora monopolizam o local, a comunidade deveria ter seu espaço.

O que se percebe é que é um evento que deixa a desejar no ramo literário e que deixa de fora a comunidade, ou seja, é mais um evento para o turista, não um incentivo para a prática da leitura da comunidade, não existe um retorno social para a comunidade a não ser o comércio que acontece de forma natural. Tornando marcante que o espaço é monopolizado para algumas editoras ganharem dinheiro e expor os seus produtos e fora isso ganham bastante destaque, sendo o

lado positivo do evento as manifestações culturais que acontecem na praça e que esse ano foram pequeníssimos, foi tirado praticamente tudo, teve muita pouca coisa esse ano. Da cidade mesmo não teve manifestações culturais, a programação reduzida foi apontada como o cenário da crise, tendo um orçamento mais reduzido.

Em relação a exposição na edição de 2016, os autores locais e regionais ficam espalhados na rua. Inclusive teve uma escritora de cordel que veio colocou aqui dentro pediu espaço para colocar, mas ela ficou foi do lado de fora, na rua, foi posta para fora pelos organizadores e a estante ficou vazia, ela é de Salvador mais é bem conhecida. A Própria pessoa da organização disse que já tinha um estante para cada editora, mas que aquela não estava aí colocou ela para fora, ela chorou e tudo mais e foi bem constrangedor e como estava chovendo ela foi embora, as pessoas que visitavam o evento estavam procurando por cordel, e não teve cordel.

No último dia, ao meio dia, a livraria da FLICA já está fechada, e a impressão que se tem é que para o tamanho da FLICA percebemos que questão de ser intitulada como Festa literária deixa a desejar, porque na verdade o que se tem é uma grande livraria comercial, se tem a livraria local, e algumas barracas espalhadas na rua vendendo livros alternativos. Sendo assim mais uma festa de entretenimento, sem um enfoque mais enfático na literatura, onde as pessoas vêm para conhecer a cidade e participar dos shows e atrações musicais de uma arena que é montada para a recitação de poemas e manifestações culturais muito interessantes com um brilho muito grande, mas para receber o nome de Festa literária ainda está um pouco desproporcional.

A cidade de Feira de Santana Ba, realiza uma feira do livro onde são bem mais estruturados e recebem um público contingente e que possui um estímulo a leitura onde estudantes de escola pública, professores de escola pública recebem um vale livro de R\$ 50,00 e fazem trocas de livros e doações, o detalhe talvez da fama de cachoeira seja o glamour da cidade de Cachoeira por ser uma cidade histórica e cultural onde há todo um contexto história fortalecendo e dando força ao evento.

Outro ponto a se questionar em Cachoeira é sobre o ciclo econômico no comércio em que vários empreendimentos que não aceitam cartão, tem dificuldades de troco, pessoal arranjado de última hora que não sabe atender, falta de equipamentos, falta de suprimentos, falta de alimentação, falta de produtos, na verdade falta qualidade no atendimento e falta treinamento para atender os turistas e isso é muito crítico, falta empreendedorismo e organização para atender. Pessoas esperando para comer, outras não consegue comer. Culinária boa, mas atendimento difícil. Vários pontos sem mesa para sentar, enfim atendimento muito precário o que proporciona uma má fama do desenvolvimento econômico e de empreendedorismo para a cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A FLICA ao contrário de outras festas literárias e feiras de livros da Região e do país não é uma organização pública com fins claramente sociais. É uma atividade desenvolvida por uma empresa privada com fins lucrativos que usa o nome de Cachoeira, o incentivo municipal e patrocínio com uso da história da cidade, sem clareza de pagamento de taxas e nem de contrapartida pelo uso do espaço público. O trabalho identificou que a FLICA gera um fluxo de pessoas significativo durante o evento na cidade e que esse fluxo de pessoas vindas de várias partes do mundo movimentam a economia da cidade, e que de forma mais direta beneficiam alguns ramos de empreendimentos, tais como: restaurantes, bares e hotéis que foram, dentre os pesquisados os empreendimentos que mais se beneficiam com o evento. O desenvolvimento da cidade de Cachoeira a partir da economia criativa em grande parte é formado por uma cultura informal devido aos aspectos culturais, uma vez que não se geram um incentivo de se tornar formal. Os informais surgem devido a necessidade de emprego formal que é de grande escassez na região.

A FLICA proporciona um momento de movimentar esse ciclo econômico atraindo turista para a cidade, mas quem realmente ganha com isso são os envolvidos com o evento já que parte da mão de obra do evento vem de fora. Sendo financiada por patrocinadores que geralmente são empresas de grande porte que vem a oportunidade de visualização da sua marca. O evento tem se tornado cada vez maior e com dimensões maiores a nível nacional e internacional atraindo a cada ano mais os olhares de pessoas de diversas partes do mundo. Um evento desse porte pode contribuir de uma maneira muito mais eficaz e significativa para o desenvolvimento da cidade de Cachoeira, oportunizando os empreendedores criativos a desenvolverem suas habilidades e exporem isso de forma mais visível e formal. Um evento como esse não pode se limitar apenas nos aspectos históricos de um passado distante e explorar isso de forma a alcançar seus próprios objetivos, mas também contribuir para o bem-estar e o desenvolvimento da cidade e da população Cachoeirana.

A partir da contextualização inicial nos enfoques apresentados por David e Reis, se obtém uma concepção clara das atividades exercidas durante o período da FLICA, visando o crescimento econômico da cidade de Cachoeira-BA de maneira representativa durante esse período, contemplando a capacidade de aproveitamento de recursos (materiais e saberes) alternativos e habilidades dos trabalhadores locais.

Assim urge à necessidade de reflexões por parte de governos, da sociedade e de empreendedores na construção de políticas e ações dando mais atenção à novas profissões e a economia colaborativa-criativa. Sendo interessante a criação de um conselho que representasse os comerciantes formais e informais de Cachoeira em relação não só à FLICA, mas ao fomento da exploração cultural e turística na cidade, tendo uma comunidade cultural mais ativa, envolvida na organização de modo que a comunidade local se envolva diretamente com o evento.

REFERÊNCIAS

ASCOM, Assessoria de Comunicação. **IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Cachoeira 14 mai. 2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal>> acesso em: 25 abr. 2015.

BAHIA, Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. **Festa da Boa Morte**. / IPAC. Salvador: Fundação Pedro Calmon; IPAC, 2010. 122p. : il. – (Cadernos do IPAC, 2.

BALDIM, Sabrina Rafaela. **“Turismo Cultural em Cachoeira (BA): Os grupos artístico-culturais”**. Disponível em: <<http://www.rosana.unesp.br/Home/graduacao/turismo4761/revistadiologandonoturismo5272/v1n4a5.pdf>> acesso em 23 abr. 2015.

BEZERRA; CHACON. **A Economia Criativa Como Estratégia Para Desenvolvimento Sustentável CULTURAL**, ITAÚ. **Economia Criativa, Como Estratégia de Desenvolvimento: Uma Visão dos Países em Desenvolvimento**.

FIRJAN. **A Cadeia da Indústria Criativa no Brasil**. Maio de 2008 e 2011;

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. 2012.

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. 2014.

FONSECA REIS, Ana Carla. **Economia Criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú cultural, 2008.267p.

FURTADO, Celso. **O desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1961.

HALL, Robert E. TAYLOR, John B. **Macroeconomia: teoria, desempenho e política**. 3ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: < www.ibge.gov.br. > Acesso em: 19 nov. 2015.

LOPES, Luiz Martins. VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Manual de Economia: nível básico e nível intermediário**. 2ed – São Paulo: Atlas, 2000.

MINC. **Ministério da Cultura, Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014**. 2. Ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2012.

MORAES, Lucchesi Júlio. **Temas, Conceitos e Desafios da Economia Criativa**. 2011.

OLIVEIRA, Galvão e Seidel. **Dinâmicas da economia criativa do livro na Bahia**. In: ANTARES, Vol. 6, Nº 12, jul/dez 2014.

OLIVEIRA, Leila. **Reflexos da implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) na economia de serviços do município de Cachoeira**. Salvador: 2012. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/>>. Acesso em: 08 out. 2015.

ORAGGIO, Liliane. **Economia Criativa: Ideias que Valem Ouro.**

PAVANELLI, Rossana. **Economia Criativa: Práticas observadas no Brasil, à luz do modelo Chinês de indústrias criativas reflexões iniciais.** Hong Kong, 2011-2012. Disponível em: <Sagres.Org.br/artigos/modelo_chines.pdf.> acesso em 21 abr. 2015.

QUEIROZ, Francisco Alves. **O Simples Nacional e a Informalidade: O caso do Mercado de Bebidas de Feira de Santana (BA).** Salvador, 2012.

REIS, Ana Clara Fonseca. **Economia criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento / organização.** – São Paulo: Itaú Cultural, 2008. 267 p.

SCATOLIN, Fábio Dória. **Indicadores de desenvolvimento - um sistema para o Estado do Paraná.** Porto Alegre, 1989.

SEIFFERT, Mari Elizabete Bernadini. **Gestão Ambiental- instrumentos, esferas de ação e educação ambiental.** São Paulo: Atlas, 2007.

SIQUEIRA, Sérgio. **Cachoeira na FLICA: veja a movimentação de visitantes e populares em festival literário.** Salvador, 2012. Disponível em: <http://www.ibahia.com/>. Acesso em: 08 out. 2015.

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento econômico.** Ed: 6°, 2010.

UNCTAD, **UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT.** Creative economy report 2008: the challenge of assessing the creative economy towards informed policy-making. Genebra: 2008. Disponível em: http://unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2015.

VASCONCELLOS, Marco Antônio; GARCIA, Manuel Enrique. **Fundamentos de Economia.** São Paulo, 1998.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Economia: Micro e Macro: teoria e exercícios, glossário com os 300 principais conceitos econômicos.** 4ed. 8 reimp. – São Paulo: Atlas, 2010.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. **Economia: Micro e Macro: teoria e exercícios, glossário com os 300 principais conceitos econômicos.** 5ed. – São Paulo: Atlas, 2011.

VICTORIANO, Vinícius. **Você já ouviu falar em economia criativa?** /28, nov. 12. Disponível em:<<https://endeavor.org.br/voce-ja-ouviu-falar-em-economia-criativa>> acesso em 21 abr. 2015.